

# *Monumentos em pedra numa região de Trás-os-Montes – Nordeste de Portugal.*

*Sua expressão na paisagem habitada durante o 4.º e 3.º mil. BC\**

MARIA DE JESUS SANCHES \*\* - SUSANA ANDREIA NUNES\*\*\*

**Abstract** – *This text presents a new interpretative hypothesis concerning prehistoric (Neolithic-Chalcolithic) populations in Trás-os-Montes (north-eastern Portugal). The longstanding relationship between human communities and their territories during the 5th millennium BC (Early Neolithic) resulted in specific genealogies during the Middle-Final Neolithic which were translated, in turn, into earth and stone architecture, incorporated in the different landscapes. The concept of landscape is used here as a contextual whole. However, these social and sacred landscapes display striking physical transformations between the end of 4th - end of 3rd millennium BC (Chalcolithic). This may result from changes in the social relationships defining identity within the various regional groups.*

---

\* Com algumas revisões e actualizações, trata-se do texto com o mesmo título entregue para publicação no Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre na Europa Atlântica (Évora, 2003). Só tendo sido editado em formato digital e cuja distribuição tem sido limitada aos participantes no Colóquio, pode considerar-se um texto quase inédito. Daí a nossa opção pela sua publicação nesta revista. Referência do texto em formato digital: s/d, Actas do Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre na Europa Atlântica, Manuel Calado, ed., Fundação Eugénio de Almeida, pp.1-26

\*\* Departamento de Ciências Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Via Panorâmica s/n, 4150-514 Porto, Portugal. msanches@letras.up.pt

\*\*\* Mestre em Arqueologia (Faculdade de Letras da Universidade do Porto). susana.andreia@netcabo.pt

## 0. Introdução. Problemas e contextos em discussão.

A exposição que se segue assume como ponto de partida várias ideias relativas ao povoamento pré-histórico e à transformação dos ecossistemas durante o 4º e o 3º mil. BC, adquiridas pela investigação regional dos últimos 20 anos. A região em estudo situa-se na parte central de Trás-os-Montes (Nordeste de Portugal), entre os rios Corgo e Tua. Esta é simultaneamente a região de "fronteira" onde se opera uma marcante transição entre o litoral mais húmido, de influência atlântica e o interior, mais seco, de influência continental.(Fig.1)

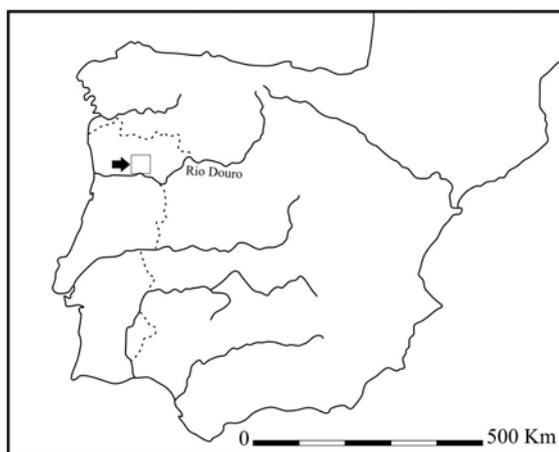


Fig. 1 – Localização da área em estudo na Península Ibérica.

Passemos então à exposição das ideias acima, que serão desenvolvidas nos pontos seguintes deste texto.

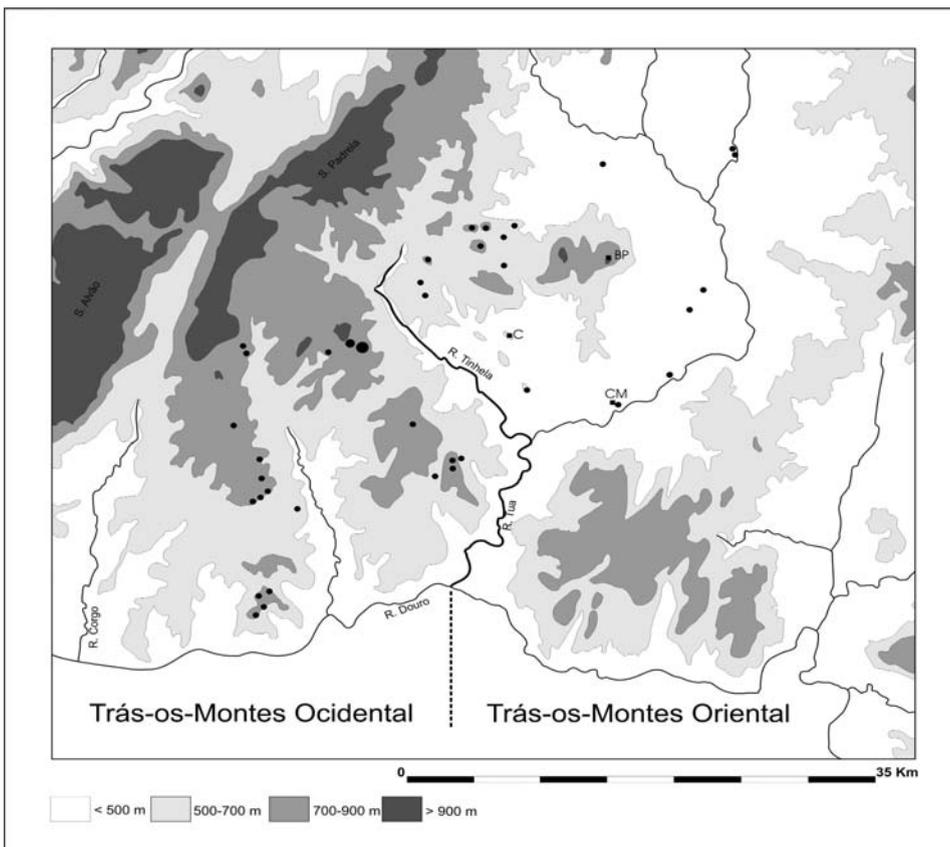
O nosso objecto de análise é o Passado, mas, inevitavelmente, é na estrutura da paisagem actual que temos de encontrar os pontos de ligação possível entre o presente, que ainda podemos observar, e as formas e conteúdos sociais e políticos das gentes que aí deixaram as suas marcas físicas.

Deste modo, a primeira refere-se à diversidade actual do ecossistema transmontano; no 5º/4º e 3º milénio AC os estudos de paleoambiente indicam uma diversidade similar à actual. Porém, aquele quadro resulta já da acção humana que inclui práticas agro-pastoris levadas a cabo de modo continuado, neste caso em ecossistemas de transição entre o litoral, mais húmido, e o continental, aqui de tipo mediterrânico (Figueiral e Sanches, 2003). Estas práticas têm o seu começo no início do 5º milénio BC (Sanches, 2003ª; Sanches *et al*, 2005).

A segunda verifica que existe nesta região uma grande quantidade e variedade de monumentos funerários em diferentes topografias e ecossistemas (Nunes, 2003). Estes túmulos dão forma (e conteúdo genealógico, cognitivo, etc.) a diferentes "paisagens fisicamente construídas" e conectadas cosmogonicamente sobretudo com os ancestrais durante o 4º milénio AC, quer em Trás-os-Montes oriental (TM oriental), quer em Trás-os-Montes ocidental (TM ocidental).

Esta assunção sagrada da paisagem, povoada de túmulos e de outros lugares mais difíceis de identificar na actualidade, mas que também integra abrigos com pintura rupestre, não nos faz esquecer que também os habitats faziam parte da mesma rede de povoamento (Sanches, 2002). Quer dizer, tudo faria parte do mesmo contexto que inclui a memória, a história comunitária (ainda que sob a forma de narrativa mitológica ou de narrativa genealógica), bem como a "rotina" de circulação nos percursos usados no quotidiano o no encontro com outras comunidades neolíticas (Tilley, 1994). Nessa medida são sugeridas aqui as localizações possíveis dos habitats na sua relação espacial com os túmulos, bem como as relações socio-económicas que as comunidades do 3º mil.AC teriam estabelecido com os ecossistemas desta região.

Este estudo refere-se prioritariamente a duas áreas geograficamente contíguas que recentemente foram objecto dum estudo mais específico: Alto das Madorras- Planalto do Pópulo, na região de transição climática (TM ocidental, ver adiante), e a bacia de Mirandela (TM oriental) ( Nunes, 2003) (Fig.1 e 2 ).



**Fig. 2** – Monumentos e povoados do Neolítico e Calcolítico na região situada entre os rios Corgo e Tua. círculos – monumentos megalíticos (tumuli); quadrados – povoados. BP – Abrigo do Buraco da Pala; C – Crasto de Palheiros; CM – Cemitério dos Mouros.

A terceira entra em linha de conta com a elevada diversificação de comportamentos rituais e das arquitecturas funerárias e de outras não funerárias tanto em TM ocidental como oriental. Estas últimas ganham uma nova dimensão espacial durante o final do 4º e o 3º milénio AC em TM oriental. Quer dizer, ainda durante a utilização dos monumentos megalíticos como "espaços de culto aos antepassados através dos mortos" durante a 2ª metade do 3º milénio, ou mesmo no 3º quartel do 3º milénio, criam-se outros espaços de acção social não funerários com diferentes expressões arquitectónicas que corporizam outros tantos focos de acção social e política. Neste caso, aquele que é arquitectonicamente mais imponente é o monumental sítio de Crasto de Palheiros (Murça) (Fig. 9 e 10), mas criaram-se também outras "arquitecturas" menos assertivas na paisagem. É o caso, por exemplo, do complexo arquitectónico de Cemitério dos Mouros /Dólmen da Arcã (Abreiro-Mirandela) (Fig. 11) ou do abrigo/armazém/local de consumo do Buraco da Pala (Mirandela).

Estas mudanças indiciam transformações sociais profundas; na passagem do 4º ao 3º milénio altera-se a rede de povoamento bem como as relações identitárias destas comunidades regionais. Mas esta alteração, fisicamente tão visível na paisagem, parece ter sido politicamente manipulada no sentido de serem mantidas algumas tradições regionais que façam supor uma continuidade genealógica e identitária.

## **1. Paisagens geográficas da actualidade versus as do Neolítico e Calcolítico**

### **1.1. O Presente**

Trás-os-Montes é a província mais a nordeste de Portugal. É no seio desta região que se manifesta a transição litoral-interior, tanto do ponto de vista geomorfológico, como climático. Uma primeira barreira montanhosa formada por um alinhamento de Serras no sentido N-S – Marão/Alvão/Gerês, a norte do rio Douro, e Montemuro, a sul daquele rio –, criam o primeiro contraste climático. Os ventos húmidos, vindos do Atlântico, que ainda conseguem passar este cordão montanhoso, vão embater num novo conjunto de serras e planaltos, agora com orientação NE-SW, formado pelas serras da Padrela/Falperra e seus prolongamentos para sul através do planalto da Burneira.

Assim, entre o primeiro cordão montanhoso (Gerês/Marão), onde corre o rio Corgo, e o segundo (Padrela-1148 m /Burneira) delimitado pelo rio Tinhela, delinea-se *uma região de transição litoral-interior dominada por extensas áreas aplanadas graníticas* (700-800 m) e serras com declives suaves, tendo clima subatlântico com elevado grau de humidade (precipitação entre 1600-800 mm). Domina aqui a vegetação de folha caduca, caracteristicamente atlântica, com preponderância do carvalho (Agroconsultores &Coba, 1991).

Esta região é conhecida como Trás-os-Montes ocidental (TM ocidental), e climaticamente é definida por Terra Fria. Inclui os planaltos do Pópulo, de Sabrosa, do Alvão, e outras áreas pejadas de monumentos megalíticos em granito.

Para leste inicia-se outro tipo de orografia, de geologia e de clima, característico já de Trás-os-Montes oriental. O substrato geológico é composto por rochas

metassedimentares (xistos e quartzitos), embora com manchas isoladas de granitos nas zonas periféricas. O relevo aqui é menos vigoroso, apesar de haver ainda algumas altas montanhas, como é caso da Serra de Nogueira (1318 m) ou Bornes (1202), de encostas suaves e onde toda a sua superfície é marcada por aplanamentos que se prolongam em planaltos para a periferia. Entre estes pequenos planaltos surgem baixas colinas (400 m) que descem para os vales formando alargadas áreas deprimidas. Destaca-se aqui a bacia de Mirandela, que acompanha o curso do rio Tua, com altitudes que descem aos 230m. Aproximadamente no centro desta bacia deprimida ergue-se, isolada, e de modo perceptualmente redundante, a pequena Serra de Passos/ Sta Comba (1016 m), pejada de cristas ou arribas quartzíticas, uma das quais inclui o abrigo do Buraco da Pala, e que será frequentemente referida neste texto. Esta topografia cria um mosaico de climas, mas todos de características subcontinentais-mediterrânicas – clima submediterrânico –, particularmente fora das altas montanhas, que proporciona o desenvolvimento de um maior número de espécies de folha persistente (sobreiro, azinheira, carvalho cerquinho). Em TM oriental será objecto de estudo particular o território situado entre os rios Tinhela, a W, e o rio Tua, a leste (Fig. 1).

Assim, a região a que se refere este texto abrange o território de transição entre TM oriental e TM ocidental, ou seja, entre os rios Corgo e Tua. O rio Tinhela/Curros pode ser assumido como uma "fronteira" geomorfológica, topográfica e climática entre ambas as regiões (Fig. 2.). *Na Pré-história recente esta "fronteira" ganha diferentes contornos particularmente no que se refere aos modos de "construir" as paisagens sociais e simbólicas.*



**Fig. 3** – Dólmen de Madorras 1 após restauro -Planalto de Sabrosa (Foto Arqueohoje).

## 1.2. O Passado

São vários os estudos paleobotânicos que procuram uma aproximação aos ecossistemas do passado, mas a maioria refere-se sobretudo aos de TM oriental e situam-se num período que vai do Atlântico ao Sub-boreal (Neolítico-Calcolítico)<sup>1</sup>. Para TM ocidental a documentação é mais escassa pois só existem as análises fitolitológicas do paleossolo enterrado sob a Mamoa 1 de Madorras (monumento megalítico de corredor no planalto de Sabrosa). Este paleossolo é datado dum momento anterior à construção do dólmen na 1ª met. do 4º mil. BC, e os resultados evidenciam uma cobertura vegetal de carácter atlântico, sobre solos ainda espessos (não erosionados) (Gonçalves e Cruz, 1994), à semelhança doutras áreas planálticas da região litoral durante o mesmo período (5º/4º mil. BC), como é a Serra da Aboboreira, que é uma grande necrópole megalítica bem estudada segundo metodologias actualizadas (Vernet e Figueiral, 1993), ou mesmo na vizinha região da Galiza (Fabregas, 2000).

Então, segundo estes estudos as diferenças climáticas e de cobertura vegetal entre TM ocidental e TM oriental já eram similares às da actualidade. Falemos agora de TM oriental.

Na realidade, todas as análises paleobotânicas realizadas em TM oriental se referem *já a contextos de utilização humana*, indicando portanto alterações introduzidas pelas práticas da economia produtiva (Figueiral e Sanches 2003), que aqui se traduzem, desde o início do 5º mil. BC na agricultura de cereais (trigo e cevada) e leguminosas (fava), bem como, provavelmente na criação de gado ovino e caprino. A recolção teria um peso marcante, sendo documentada a recolha de bolotas, pinhões e uva silvestre (no abrigo do Buraco da Pala); a recolha de medronho e avelã é inferida da disponibilidade destas árvores no ecossistema (Sanches, 2003a). Do 5º ao 3º mil. BC é apontada uma maior continentalidade do clima que na época actual, mas, por outro lado, este teria um grau de humidade superior ao actual (Figueiral e Sanches 1998-99), o que permitiria, naquela época, uma mais rápida renovação do ecossistema sujeito a práticas produtivas. Também os solos seriam mais profundos e menos erosionados que na actualidade e a vegetação, embora mais densa que a actual, apresentaria, tal como hoje, elementos predominantemente mediterrâneo-continentais (azinheira, carrasco, sobreiro, carvalho cerquinho, zimbro e pinheiro silvestre), mas também alguns elementos atlânticos, como pinheiro marítimo, carvalho alvarinho, medronheiro e aveleira (embora esta última esteja ausente da flora espontânea actual).

O sub-bosque seria de características predominantemente mediterrânicas.

Esta exposição de pormenor explica-se na medida em que fornece uma imagem aproximada da paisagem dita natural, assim como dos seus recursos no período que estamos a estudar, bem como a sua alteração progressiva ao longo do tempo. Assim, do 5º ao final do 3º mil. AC a paleobotânica acusa *um aumen-*

---

<sup>1</sup> São estudos de antracologia e carpologia, realizados sobre carvões e sementes de estações arqueológicas datadas do final do 6º ao final do 3º mil. BC.



**Fig. 4** – Mamoia 7 do Alto das Madorras-Arcã (Planalto do Pópulo) no extremo SW da necrópole com o mesmo nome ( Foto MJS).

*to do estrato arbustivo e herbáceo em detrimento da floresta*, bem como um progressivo erosionamento dos solos de encosta, o que é interpretado como decorrente das contínuas práticas agrícolas e pastoris (Sanches, 2003; Figueiral e Sanches, 2003; Sanches e tal, 2005)). Estas práticas são testemunhadas nas estações arqueológicas por um maior número das plantas cultivadas (trigo, cevada, fava, ervilha, lentilha, linho) e pela diversificação dos animais domésticos (ovelhas e cabras, porcos e vacas) (Sanches, 1997, I).

Na realidade durante o 5º milénio (Neolítico antigo regional) podemos assumir que os habitats seriam basicamente sazonais (de base residencial ou logística, por, ex.), com ocupações que poderiam atingir o período de 10 anos; *no 4º milénio, época em que se constrói a maioria dos monumentos megalíticos nesta região, admite-se um aumento populacional e um progressivo incremento das actividades agrícolas e pastoris, assentes em povoados de curta duração (10-15 anos)*, ainda que estes possam ter sido combinados com habitats sazonais de base logística, no acesso a zonas particularmente ricas em pastagens de Primavera/Verão ou a zonas ricas em frutos silvestres (Sanches, 2000).

Tanto no 5º como no 4º milénio os habitats ocupam diferentes topografias: topo das encostas, se o habitat for em abrigo sob rocha; em zonas abrigadas nos plateaux próximos do topo das encostas (que podem variar entre 700-800 m); na meia-encosta, em pequenas zonas aplanadas (chãs) normalmente junto de cursos de água<sup>2</sup>; em vales abertos, onde ocupam o início ou a meia-encosta.

<sup>2</sup> Junta-se aqui a documentação arqueológica que diz respeito tanto a zonas litorais (Serra da Aboboreira) (Jorge, 1991), como interiores (Sanches, 1997: I, p.154-156)



**Fig. 5** – Mamoia 1 do Castelo - Murça ( imediatamente após restauro em 2001). A fila de pequenos seixinhos na zona do átrio é uma montagem fotográfica onde, por razões de visibilidade, não foi respeitada a escala (Foto MJS).

### 1.3. Algumas questões

Contudo, no 4º mil. BC, as memórias individuais e colectivas ligar-se-iam menos aos habitats, de curta duração e com estruturas habitacionais perecíveis, que ao território do grupo, que assumimos como um todo unitário. Daqui decorre uma assertiva transformação da paisagem social através da paulatina construção de monumentos megalíticos, como repositórios mais visíveis das memórias identitárias, como acontece em TM ocidental. Em TM oriental os monumentos terão uma função similar, mas partilharão de modo mais visível a apropriação da paisagem com outros lugares, como abrigos com pintura rupestre e eventualmente com rochas gravadas com iconografia muito esquemática.

Ainda que não saibamos responder, existe uma pergunta inerente a estas transformações: em que medida mudaram as concepções que as gentes tinham do seu mundo entre o 5º e o 4º mil. aprox?. Supomos que são mudanças de fundo porque se traduzem (ou são criadas por ?) numa grande intensificação da actividade ritual, desenvolvida através dum esforço social (ou investimento) ainda não visto até essa época. Mas quais as características específicas dessa actividade? Quer dizer, tal como Scarre (2002,p.3) pergunta também, em que medida a escolha do lugar do monumento, as matérias-primas usadas na construção bem como o seu local de proveniência, e outros pormenores arquitectónicos ou rituais não nos poderão informar melhor sobre o modo como o mundo exterior é percebido, captado e cristalizado no monumento?

## 2. No Neolítico médio-final monumentos formalmente similares dão origem a diferentes paisagens humanizadas

Em TM ocidental encontra-se uma grande quantidade de monumentos megalíticos (tumuli megalíticos ou mamoas megalíticas) organizados espacial e topograficamente de modo muito diversificado (Nunes, 2003), mas com uma tendência evidente para o seu agrupamento físico em alargadas áreas planálticas, predominantemente graníticas, tal como acontece nos planaltos do litoral norte do país (Fig.1). Também nesta região se regista uma densidade de monumentos superior à de Trás-os-Montes oriental. Na realidade, o "percurso" litoral-interior é caracterizado por uma redução paulatina da tradição de marcação do território predominantemente pela construção de mamoas megalíticas ou somente mamoas (*tumuli* de terra e pedras com diversas estruturas internas de carácter não megalítico).

Porém, esta visão generalizadora, ainda que necessária ao discurso, mascara uma grande diversidade de situações específicas. Só partindo do estudo particular de várias situações concretas, das suas relações internas, poderemos almejar entender como terão sido formadas e entendidas estas paisagens sociais e simbólicas específicas criadas no Neolítico médio em cada uma das regiões em estudo. Será necessário enveredar assim por uma análise relacional que articule o monumento com os outros monumentos, com a topografia (nos seus mais pequenos pormenores), e com a paisagem ocupada por comunidades neolíticas, e de cujos habitats temos menos vestígios. Será necessário ainda observar também os monumentos e o seu "conteúdo" no que este traduz de acções e de intenções (e de aparentes contradições?).

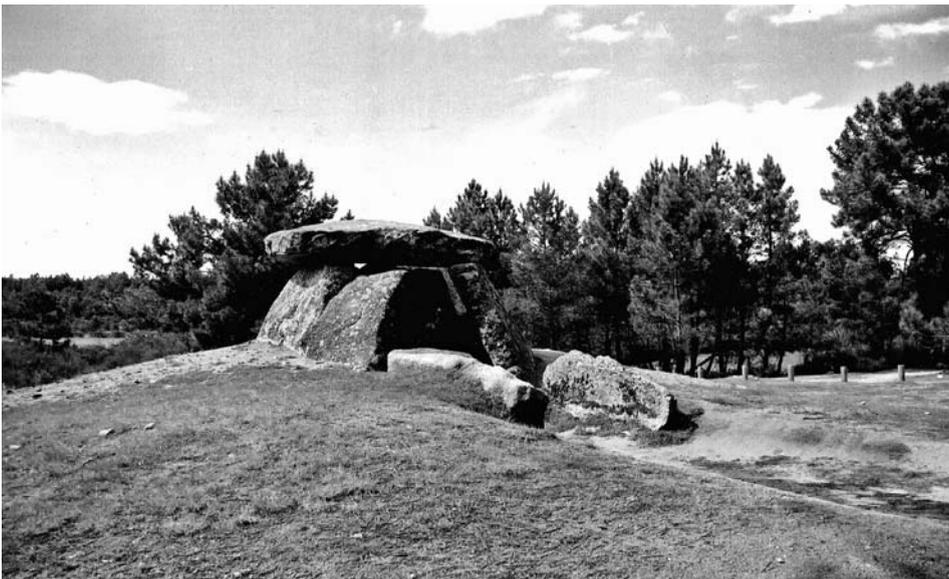


Fig. 6 – Dólmen da Fonte Coberta da Chã de Alijó, após restauro ( Foto MJS)

## 2.1. Cronologia dos monumentos

Partimos do princípio de que a maioria dos 81 monumentos que ainda se conservam nesta região em estudo<sup>3</sup> - Corgo/Tua - (Nunes, 2003) foram construídos durante todo o 4º mil. BC (Nunes, 2003,p.85), pois dos 6 que aqui foram escavados com metodologias actualizadas, 3 foram datados pelo radiocarbono : Mamoa 1de Madorras- Sabrosa; Mamoa 1 do Castelo e Mamoa d'Alagoa- Murça . Os restantes 3 – Dólmen da Fonte Coberta- Alijó; Anta da Arcã e Mamoa 1 da Pedreira-Mirandela –, podem ser datados do mesmo período<sup>4</sup>, se atendermos aos artefactos que aí foram recolhidos. Estes parecem resultar, na maioria dos casos de *deposições claramente intencionais*, quer se encontrem como "oferendas" na câmara, corredor e átrio, quer se tenham inserido na estrutura da construção ( Fig. 2).

A mamoa d'Alagoa é um dólmen de corredor baixo, corredor intratumular em argila e átrio reduzido, que foi construído e condenado ritualmente (colmatado todo o seu acesso) no 2º quartel do 4º mil. BC (Sanches e Nunes, 2004). A Mamoa de Madorras 1 contém um grande dólmen de corredor baixo e curto, seguido de corredor intratumular em pedra pequena e de um átrio (Fig. 3). Foi construído também no 2º quartel do 4º mil., e remodelado ainda dentro deste período (Cruz, 2001,p.286), mas desconhece-se a cronologia do seu encerramento, que pode ter ocorrido logo na 2ª metade do 4º milénio. É importante fazer notar aqui que este monumento de Madorras 1 teve também ocupações funerárias ou somente rituais nos meados-finais do 3º mil. BC, o que *denuncia uma recuperação ou transformação de memórias/genealogias mais antigas num período em que já não se construam grandes dólmens*. A Mamoa 1 do Castelo contém um dólmen de vestíbulo, seguido de corredor intratumular em argila com grande expressão "arquitectónica" e de um átrio. Foi construído talvez na 1ª metade do 4º milénio e encerrado nos meados do 3º mil. (Fig. 5 e 12). Outro dólmen de vestíbulo, cujas características construtivas e formais é similar ao do Castelo é o da Fonte Coberta (Fig.6). É também um dólmen de vestíbulo, seguido de corredor intratumular formado por pedra pequena, e átrio (Carvalho e Gomes, 2000). Terá sido encerrado ritualmente também, pelo que o espólio arqueológico deve corresponder a uma ocupação continuada, situada na 2ª met. do 4º milénio, mas que poderá, tal como o dólmen do Castelo, ter continuado em uso durante o início do 3º mil. BC. A anta da Arcã é um dólmen de corredor (com átrio?), muito destruída, e cujo espólio pode ser situado no 4º mil. BC, mas este dólmen pode ter estado em funcionamento durante o início do 3º mil.(Fig.11).

<sup>3</sup> Mas deveriam ser mais de 120 no início do séc. XX, consoante consta de notícias e escavações antigas.

<sup>4</sup> A Mamoa 1de Madorras- Sabrosa e o Dólmen da Fonte Coberta- Alijó pertencem aos planaltos de TM ocidental; a Mamoa 1 do Castelo , a Mamoa d'Alagoa- Murça , a Anta da Arcã e a Mamoa 1 da Pedreira-Mirandela, estão nas terras baixas da bacia de Mirandela em TM oriental. Dólmen da Fonte Coberta ( Carvalho e Gomes, 2000); Mamoa 1 do Castelo ( Sanches e Nunes, 2005; Nunes 2003); Mamoa d'Alagoa ( Sanches e Nunes, 2004; Nunes 2003); Anta da Arcã ( Sanches, 1994; 1997 ) ; Mamoa da Pedreira ( Figueiral e Sanches , 1998-99:83).

Todos os dólmenes nomeados acima são estruturas arquitectónicas muito complexas, e com grande expressão volumétrica (Fig.3, 4 e 5). Exceptuando a Alagoa (monumento de menores dimensões) são também arquitecturas enriquecidas com iconografias gravadas e/ou pintadas (Fig. 12). Mesmo assim, este último monumento da Alagoa integrava 3 pequenas estelas anepígrafas reutilizadas na conformação do espaço da câmara-corredor. Podemos supor que a par destes monumentos existiriam dólmenes ditos "simples"( isto é, com câmaras não prolongadas por corredor ou vestíbulo ) e *tumuli* mais baixos. Poderiam ter contido dólmenes simples a Mamoa da Pedreira (muito destruída), as Antas 3 e 4 da Estante, e a Mamoa 1 do Cabeço do Bique (Alijó) (Nunes 2003, p.38-39). Seria importante perceber se alguns destes dólmenes mais simples, com mamoaas mais pequenas e que exigiram menos esforço construtivo (e ritual?) traduzem o início do fenómeno de construções em terra e pedra nesta região, na passagem do 5º ao 4º milénio, tendo evoluído no sentido duma maior monumentalidade e complexidade ou se, pelo contrário, a criação destas novas paisagens culturais emerge, desde o seu início, com grandes monumentos. Esta avaliação é imprescindível para entender a criatividade e de esforço humano investido no contexto de pequenos grupos neolíticos regionais.

## 2.2. Formas/domínio da paisagem/agrupamentos

Num território ocupado desde o início do 5º mil. é quase improvável que as comunidades neolíticas desta região não conhecessem bem o território que habitavam quotidianamente, ou que não estivessem pelo menos minimamente familiarizadas com aquele por onde circulavam durante o ciclo anual. Também é difícil de admitir que os diferentes segmentos, percursos ou lugares do seu território, não tivessem "um nome" e a ele não ligassem narrativas mitológicas, tal como Whittle fez notar (2002,p.195). Então, e seguindo o mesmo autor, embora seja difícil penetrar no mundo mental destas comunidades neolíticas, um dos modos de aceder à compreensão dos diferentes tipos de sítios (incluindo monumentos) seria o de observar a sua visibilidade. Esta poderá variar muito de local para local ou de monumento para monumento, mas terá sido sempre selectiva, de modo que a localização do monumento e a relação deste com outros monumentos, com acidentes na paisagem, ou com o território habitado, será sempre algo informativa sobre algumas das intenções dos seu construtores.

## 2.3. Aspectos peculiares relativamente à visibilidade

No modo como é construída a paisagem conjugámos factores diferentes no sentido de apreender as suas múltiplas "visibilidades".

Na relação dos monumentos com a topografia e com a paisagem em geral, ou melhor, no modo como do monumento se observa o exterior, e que exterior é esse que se domina visualmente, deparamos com situações muito diversas. Incidiremos sobretudo nos monumentos de Alto das Madorras-Pópulo (planalto em TM ocidental) (Fig,2, 7)) e nos da área do Castelo (bacia de Mirandela-TM

oriental) (Fig.2, 8) pois foi sobre estes que recentemente uma de nós (S. N.) desenvolveu um estudo específico.

Se atendermos à totalidade dos monumentos encontramos 4 situações distintas no modo como estes se posicionam relativamente à paisagem envolvente<sup>5</sup>.

Situação A (13 monumentos): os monumentos surgem maioritariamente isolados *no topo de colinas* que dominam áreas com relevos mais baixos, pelo que o monumento se ergue nalguns casos como *um marco dominante e único* sobre a paisagem periférica, em todas as suas direcções.

Por vezes as colinas são tão elevadas e culminantes que dominam paisagens alargadas, mas estas, se observadas do topo do monumento, aparecem já imersas em brumas no segundo horizonte visual. Pelo contrário, de longe, o que é dominante é a própria colina com a qual o monumento se confunde. *Vislumbra-se aqui uma intenção de sobrecarregar de sentido o cume da colina, que poderia ser já um local com nome, em momento anterior.* Esta situação é característica de TM oriental (bacia de Mirandela), mas desconhecemos se estes monumentos têm corredor, quer dizer, se têm alguma direcção preferencial para onde orientem os acessos.

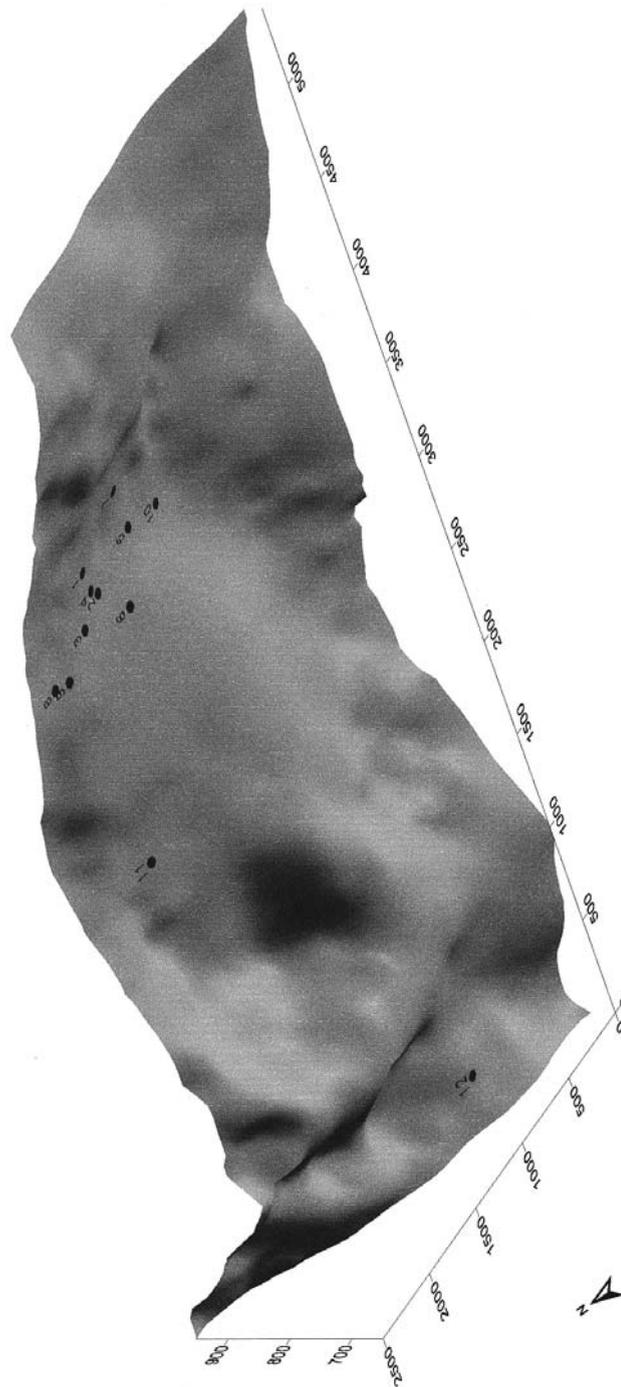
Outras vezes ocupam o topo de *colinas mais baixas ou lombas aplanadas* rodeadas por vales abertos, na base de montanhas, pelo que o *domínio visual é menor mas mantém-se pluridireccional*. Em TM oriental os monumentos de Castelo e da Alagoa (Murça), em colina baixa, impõem-se sobre restritas áreas periféricas, onde existiram outros monumentos na mesma situação topográfica aproximada, mas o seu acesso é orientado precisamente para o pico mais alto (1016 m) da vizinha serra de Passos/Sta Comba ( Fig. 2). Em TM ocidental as mamoadas 1 e 2 do Cabeço do Bique- Alijó (próximas do Alto das Madorras) dominam o vale aberto, isto é, *uma zona de acesso à montanha e ao planalto do Pópulo e por certo povoada de campos cultivados e de habitats*.

Situação B (30 monumentos): É a situação típica da implantação em extensas áreas aplanadas, sejam elevadas, como os planaltos (tal sendo o caso do Alto das Madorras-Pópulo (Fig. 7), ou de Arcã em Sabrosa- TM ocidental), sejam mais deprimidas (como na bacia de Mirandela-TM oriental) (Fig. 8). Uns monumentos ocupam os pontos de cota mais elevada, outros não, mas partilham toda uma visibilidade *multidireccional*.

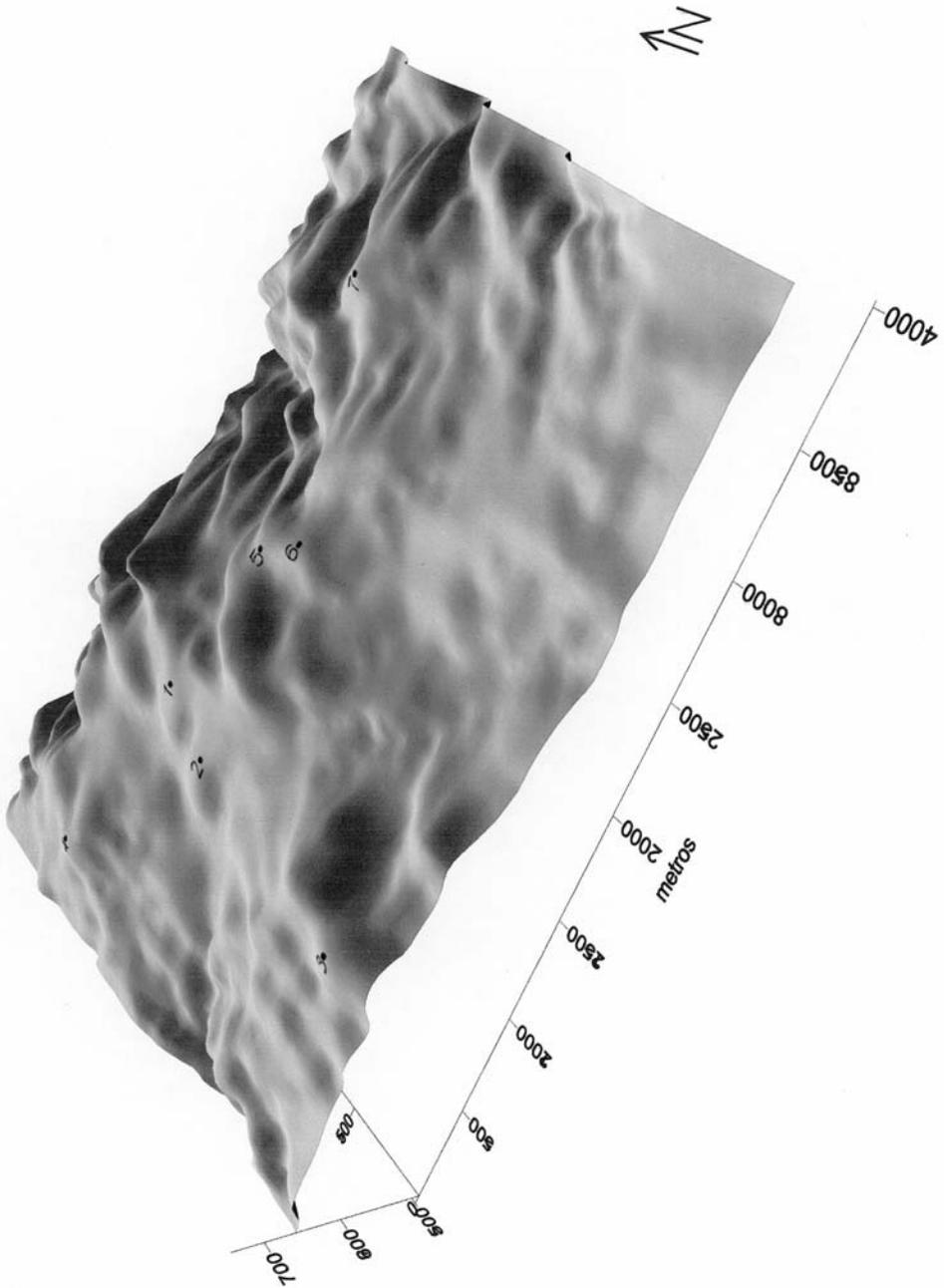
Nos planaltos (TM ocidental) o domínio visual pode ser caracterizado como sendo de *intervisibilidade entre monumentos* próximos pois dirige-se para o próprio conjunto de monumentos, ou necrópole (ainda que por vezes de um monumento não se avistem todos os restantes). Assim, vislumbra-se aqui uma intenção clara de carregar de sentido, e de hierarquizar, através dos monumentos, todo o espaço físico que integra estes lugares sagrados, espaço esse que é unificado pela necrópole. (Sobre a hierarquia adentro duma destas necrópoles-Alto das

---

<sup>5</sup> Estas situações foram formuladas originalmente em função de 10 categorias de implantação topográfica (ver Nunes, 2003).



**Fig. 7** - Representação em 3D da área de Alto das Madorras-Arça (Póculo): 1 a 10-monumentos (mamoas) do Alto das Madorras; 11- núcleo de 6 pequenos monumentos (mamoas) de Cabeço Carvalho (resulta da aplicação do software Surfer 8 sobre a CMP, 1:25000, f. 89, 3ª ed. 1997).



**Fig. 8** - Representação em 3D da área do Castelo (bacia de Mirandela) com a implantação dos monumentos (mamoas): 1- Castelo 1; 2- Castelo 2 e 3; 3- Alagoa; 4- Borrallheiros; 5- Tremedeiro 1; 6- Tremedeiro 2; 7- Cabeço d'Assedande (resulta da aplicação do software Surfer 8 sobre a CMP, 1:25000, f. 75, 2ª ed. 1998).

Madorras- voltaremos adiante.) (Fig. 7) Nas zonas mais baixas em TM oriental são também os *monumentos situados a cotas um pouco mais elevadas que conferem unidade ao conjunto*, mas os monumentos são mais dispersos e o território que dominam incluiria tanto os monumentos em si, como os campos cultivados e também, eventualmente, os habitats (Fig. 8). Vislumbra-se neste caso uma atitude diferente; não podemos falar com propriedade de uma "necrópole" tal como ela é vulgarmente entendida (concentração de monumentos em espaços restritos) mas antes de paisagens articuladas com os ancestrais que seriam mais "unificadas" pela acção, pela vivência, digamos, mais "rotineira", que ligaria entre si os diferentes lugares.

Situação C (28 monumentos): Os monumentos ocupam plataformas ou pequenos esporões quer em encostas suaves quer em encostas acidentadas, pelo que dos monumentos se tem sempre a visibilidade destruída na direcção da encosta. Deles se dominam territórios muito específicos, mais baixos, que incluem diferentes tipos de vales; este seria provavelmente o território de circulação e subsistência dos grupos, que incluiria por certo os seus habitats. Esta situação verifica-se tanto em TM ocidental como em TM oriental<sup>6</sup>.

Situação D (10 monumentos): é uma situação exclusiva de TM oriental, onde os monumentos isolados, ou em grupos de 3 ou 4, ocupam restritas zonas deprimidas, topograficamente fechadas, junto de cursos de água. Estes monumentos não tem horizonte visual algum além daquele que é circunscrito pela topografia. Vislumbra-se aqui uma intenção de "sacralizar" uma território extremamente restrito, *e como que de "esconder" os monumentos dos olhares exteriores*. Num caso, a Anta da Arcã, o monumento surge isolado e abre o corredor precisamente para a pequena elevação que é o ponto mais alto do povoado calcolítico de Cemitério dos Mouros II (Fig.11). Este povoado é um sítio muito complexo pois os vestígios estendem-se por toda a encosta e plataformas voltadas ao vale apertado do rio Tua. Na mais extensa dessas plataformas encontrámos vários monólitos afeiçoados que podemos denominar de "estelas" (Fig.11). Noutra caso, Vale de Juncal (Mirandela), é sugerido um alinhamento ao logo do curso do rio Tuela, pelo que podemos supor uma íntima ligação à corrente do rio neste local (Fig.2).

#### 2.4. Criação de "necrópoles" e relação dos monumento com o espaço habitado

Esta diversidade verificada relativamente ao domínio visual fornece uma primeira abordagem à diferentes intenções que terão comandado a eleição do monumento, e à sua relação com o espaço habitado, mas necessita, naturalmente,

---

<sup>6</sup> Contudo, num caso, que é o grupo de 6 monumentos de Cabeço Carvalho, dirige a sua visibilidade para a necrópole de Alto das Madorras-Pópulo, pelo que este domínio pode ser assumido como eminentemente simbólico (Fig.7). Dado que estes monumentos têm características construtivas que os aproximam doutros do final do 3º do 2º mil. BC (I. do Bronze), é possível que a sua localização obedeça a uma intenção de perpetuar, pelo domínio, as Genealogias presentes na necrópole anterior (neolítica).

te, que entremos em linha de conta com outros elementos (alguns já enunciados atrás) para aclarar algumas ideias.

Por um lado temos uma situação clara de criação deliberada de necrópoles com monumentos absolutamente intervisíveis e próximos entre si num espaço planáltico restrito e circunscrito pela topografia como é o caso de Alto das Madorras-Póculo (Fig.7), e da Arca ( Sabrosa, Fig.3)

No Alto das Madorras, toda a necrópole se vira para "dentro" onde duas grandes mamoas ( que são as maiores desta região - Mamoas 2 e 3) ocupam aprox. o centro geográfico da necrópole, sendo em torno destas que os restantes monumentos se dispõem. Assim, a unidade "necrópole" é constituída pela topografia, pela proximidade e intervisibilidade dos seus monumentos.

Contudo, sob esta aparente unidade percebem-se outras intencionalidades transversais. Assim, no conjunto destes monumentos megalíticos verifica-se que a orientação dos acessos<sup>7</sup> se vira em 3 casos para o interior e em dois para o exterior da necrópole. Para o *interior* temos um dos monumentos maiores– a Mamoa 2– , e a Mamoa 8, ambas com o acesso voltado para Sudoeste, e a Mamoa 6, esta com o acesso para Sudeste. Para o *exterior*, abrir-se-iam as Mamoa 5 (Oeste) e 7 (para Sudeste (Fig.4)). Esta última contém gravuras esquemáticas em 3 dos seus esteios.

A necrópole da Arcã-Sabrosa, com 10 monumentos, desenvolve-se em torno ao dólmen de Madorras 1 (o maior monumento desta necrópole) (Fig.3). Intuímos que os monumentos se articulam estreitamente entre si, mas a destruição na maioria deles não deixa entender com a clareza devida outras orientações espaciais específicas.

Talvez uma organização espacial também complexa, mas similar às que acabamos de nomear, tenha presidido à hierarquização de um espaço relativamente restrito situado no planalto de Chãs-Alijó, local onde se encontra o dólmen da Fonte Coberta (Fig.6)<sup>8</sup>.

Em ambos os casos – Chãs, Alijó e Arca-Sabrosa– os monumentos em causa são de grandes dimensões, foram "enriquecidos" simbolicamente com iconografia gravada e pintada e neles se recolheram variados artefactos votivos (de carácter "utilitário" e "não utilitário"). Tal facto aponta no sentido tanto de o dólmen de Fonte Coberta como o de Madorras 1 poderem ter polarizado o espaço simbólico da sua periferia. Tanto um como o outro têm os acessos voltados para Sudeste, para o rebordo dos respectivos planaltos mas distam desse "rebordo" mais de 800 m. Se é certo que estes monumentos partilham a orientação dos acessos com aquela da maioria dos monumentos conhecidos (que é Este-Sudeste) tanto em TM ocidental como oriental, é ainda prematuro entender as razões específicas desta opção arquitectónica.

<sup>7</sup> Nos casos em que é possível percebe-los com base no alongamento da mamoa

<sup>8</sup> Crê-se, com base em notícias soltas mais antigas, que o monumento Fonte Coberta faria parte dum conjunto alargado de *tumuli*.

Em TM oriental, numa situação oposta à anterior em termos topográficos, mas similar no que respeita à marcação simbólica de espaços restritos, temos monumentos acantonados ao fundo dos vales ou a bacias ladeadas de colinas (Arcã e Vale de Juncal).

Pelo contrário, na zona do Castelo (bacia de Mirandela), os monumentos surgem disseminados por baixas colinas e lombas. Aqui a unidade da "necrópole" só é percebida *se esta for observada do exterior*, de duas ou 3 das cristas quartzíticas que se espalham por esta área – crista de Jou e Fragas do Alto. Deste modo, a unidade é construída de fora para dentro ou a partir dum ponto culminante próximo da periferia. Dum modo similar parecem organizar-se os monumentos da Pedreira (bacia de Mirandela), embora em ambos os casos não seja ainda possível perceber outras "hierarquias internas que transversalmente devem cruzar-se com a presença da imponente Serra de Passos, coroada de cristas quartzíticas e com habitats em abrigo sob rocha bem como com abrigos com pintura esquemática deste período.

Os monumentos localizados nas encostas tanto em TM oriental como TM ocidental, confundem-se mais com a topografia que nos casos anteriores e *não criam alargados espaços sagrados*. Dominam preferentemente zonas habitadas, mais baixas, bem como as vias de circulação através dos vales.

Por espaço habitado entendemos o território de circulação e aproveitamento anual e plurianual destas comunidades neolíticas e nele se incluem naturalmente os habitats.

Tal como uma de nós mostrou em trabalho recente (Nunes, 2003) quer em TM ocidental, quer em TM oriental os territórios teóricos de 30, 60 e 120 minutos em torno dos monumentos megalíticos ou em torno dos conjuntos de monumentos, apresentam uma grande diversidade de ecossistemas; essa diversidade, mas sobretudo a potencialidade clara para o aproveitamento agrícola, pastoril e silvícola segundo a tecnologia disponível no neolítico, revela-se particularmente a partir dos 30 minutos pedestres; é redundante nos territórios de 60 e 120 minutos.

Creemos que os *habitats permanentes de curta duração* (10-15 anos) se teriam situado preferentemente nas *zonas abrigadas das encostas dos planaltos*, dominantemente entre os 60 e os 120 minutos de distância pedestre aos monumentos, particularmente àqueles que surgem concentrados em grandes necrópoles planálticas de TM ocidental. Nas zonas mais baixas da bacia de Mirandela (TM oriental), ter-se-iam localizado entre 30 e 120 minutos, ocupando também áreas abrigadas das colinas<sup>9</sup>. Na região de TM ocidental um destes habitats poderia ser o do Castelo dos Mouros, situado numa zona abrigada entre penedos na meia-encosta leste da necrópole do Alto das Madorras-Pópulo, sobranceiro ao rio Tinhela, e a uma distância de entre 60 e 120 minutos de distância pedestre daquela necrópole.

---

<sup>9</sup> Vislumbra-se assim uma tendência para uma maior aproximação espacial dos povoados aos túmulos em Trás-os-Montes oriental.

A par destes povoados "permanentes" (ou residenciais) poderiam surgir nas áreas planálticas de TM ocidental *habitats sazonais* relacionados quer com a construção dos monumentos, quer com os acessos a pastagens de Primavera-Verão; situar-se-iam no arco dos *tumuli*, até aos 60 minutos de distância daqueles, como parece ter acontecido na área da Mamoa de Madorras 1 em pleno planalto de Arcã-Sabrosa.

Em TM oriental estes *habitats sazonais* também poderiam subir a montanha, tal como acontece com os abrigos da Serra de Passos e particularmente com o abrigo do Buraco da Pala nos seus níveis IV-I e III (datados do V<sup>o</sup> e IV<sup>o</sup> mil. AC).

Então, a diferença entre ambas as zonas no que respeita às concentrações de monumentos em zonas aplanadas ou colinas baixas (concentrações que representam c. de 50% do total dos monumentos) é que em *TM ocidental se nota uma maior separação visual entre o território de circulação rotineira (e dos habitats permanentes), e aquele que se integra num espaço mais sagrado dos tumulo, do que nas zonas aplanadas de TM oriental*. Em TM oriental esta separação entre o espaço do monumento e o espaço que consideramos de uso mais "rotineiro", só ocorre naqueles monumentos que *ocupam zonas deprimidas, e que representam 12% dos casos*.

Quer numa quer noutra região, os monumentos localizados em encostas<sup>10</sup> (que representam 23% do total) apresentam uma clara relação de proximidade com o espaço habitado, e mesmo com os *habitats* propriamente ditos, podendo estes localizar-se mesmo nas proximidades do monumento (entre 30-120 minutos).

Em TM oriental os raros monumentos localizados em altas colinas dominam o espaço habitado de modo muito abrangente. Os *habitats* permanentes podem situar-se a qualquer distância além dos 30 minutos, pelo que cremos que estes monumentos se relacionam com o controlo directo da circulação de todo o espaço habitado da periferia.

Há ainda uma grande semelhança entre TM ocidental e oriental em termos de potencialidades do território que circunda os dólmenes. Porém, alguns constrangimentos de ordem climática, geológica e sedimentar, admitem uma maior restrição ao desenvolvimento das actividades agrícolas em TM ocidental, pelo que supomos que as actividades pastoris devem ter tido aqui um peso maior. Pelo contrário, em TM oriental, existem iguais potencialidades para desenvolvimento de agricultura, pastorícia e recolção, estando provado o cultivo de diferentes cereais e diversas leguminosas (durante o V<sup>o</sup> e particularmente durante o IV<sup>o</sup> Mil. AC), como se indicou no ponto 1.2.

A construção dum monumento megalítico seria um acto excepcional na vida das comunidades neolíticas, tal com outros investigadores antes de nós têm referido (Jorge, 1991,p.123), estando implicadas na sua formulação e construção muitas escolhas. Além da selecção do local, também a escolha das matérias primas e

---

<sup>10</sup> Excluem-se 6 monumentos da necrópole de Cabeço Carvalho por supormos que são de cronologia mais recente, e por não dominarem o espaço habitado mas antes uma necrópole anterior.

dos "objectos" *colocados no seu interior ou inseridos na construção*, são aspectos que caracterizam em pormenor atitudes e comportamentos. No entanto, o que se verifica tanto em TM ocidental como oriental é que são utilizadas as rochas disponíveis mais próximas, sejam granitos ou xistos e quartzitos. cremos assim que as dimensões menores das estruturas megalítica nas zonas dos xistos e quartzitos em TM oriental devem ter resultado da dificuldade técnica de extrair lajes maiores nos afloramentos desta região<sup>11</sup>. Isto não quer dizer que tudo obedecesse a condicionamentos técnicos pois, por ex., os esteios de quartzito do dólmen do Castelo ainda são de média dimensão, e um deles, o nº 4, antropomorfizado por meio de gravuras, também parece ter sido escolhido em função da sua cor natural, claramente laranja (Fig. 5). O mesmo parece ter acontecido com a grande laje de cabeceira da anta da Arcã, agora já em granito, que foi objecto de cuidado polimento e patenteia gravuras. Por certo este bloco terá sido escolhido em função da sua cor avermelhada ( Fig. 11)



**Fig. 9** - Crasto de Palheiros visto de Leste (Foto MJS)

---

<sup>11</sup> Parece-nos ser deste modo pois logo que há granito disponível, como nas áreas onde se construíram os dólmenes de Arca ( Abreiro-Mirandela), Zedes ou Vilarinho da Castanheira ( Carrazeda de Ansiães), logo a parte "megalítica" daquelas estruturas atinge dimensões comparáveis às de TM ocidental.

### 3. Do 4º ao 3º milénio : continuidades e mudanças

Do 4º para o 3º mil. BC dão-se transformações de realce, mas também se verificam continuidades.

Em primeiro lugar assiste-se a uma intensificação das actividades agro-pastoris e transformadoras, particularmente em TM oriental, e à criação dum maior número de povoados de mais longa duração (tal como referimos noutros textos: Sanches, 1997:I; 2000).

Durante o 3º milénio as concepções relativamente aos antepassados já não parecem materializar-se na construção de grandes dólmenes, tanto em TM oriental, como ocidental. Os ancestrais parecem ser valorizados doutro modo na estruturação das cosmogonias e na organização social.

Embora a região de TM ocidental esteja mais escassamente estudada que a de TM oriental, verificam-se algumas diferenças e também algumas semelhanças no que respeita ao modo como estas comunidades do 3º milénio entendem e interpretam o seu Passado, a sua identidade, e a manipulam em função do Presente (Bradley, 2002).

#### 3.1. Trás-os-Montes ocidental

As comunidades calcolíticas e do início da I. Bronze de TM ocidental, onde só se conhecem os povoados de Castelo de Aguiar (Vª Pouca de Aguiar) e Castelo dos Mouros (Murça), continuam a integrar o espaço das necrópoles nas suas cosmogonias. Fazem-no de diferentes modos. a) Pela construção de cistas ou monumentos funerários de pequenas dimensões que colocam lado a lado de monumentos mais antigos, como é o caso da anta 4 da Estante em Alijó<sup>12</sup>. b) Através da criação de verdadeiras necrópoles de *tumuli* baixos, possivelmente sem estruturas megalíticas, mas cujas couraças pétreas se destacam à distância por serem feitas de quartzo branco, como é o caso dos 6 monumentos de Cabeço Carvalho (Nunes, 2003). Este grupo de pequenos monumentos localiza-se numa encosta imediata, mas sobranceira, à necrópole megalítica de Alto das Madorras, sobre a qual exerce um domínio visual redundante. c) Pela reutilização de dólmenes neolíticos para enterramento ou para outras práticas rituais embora os monumentos já sejam entendidos doutro modo no seu papel específico. No caso da Mamoia 1 de Madorras (Sabrosa) (Gonçalves e Cruz, 1994) o monumento teria sido já encerrado há cerca de 500 anos atrás, quando aí "voltaram" nos meados<sup>13</sup> ou 2ª metade do 3º mil. BC colocando então cerâmicas campaniformes, e outros recipientes tronco-cónicos e subcilíndricos (talvez acompanhando enterramentos). O que é importante destacar é que nesta época *o acesso primitivo já era desconhecido*, ou

<sup>12</sup> E numa atitude que também é comum na Serra da Aboboreira (Jorge, 1991; Cruz, 1992)

<sup>13</sup> As cerâmicas campaniformes são datadas regionalmente no Crasto de Palheiros do início ou primeira metade do 3º mil. BC

*simplesmente não foi usado*, tendo sido os rituais feitos a partir de intrusões na câmara. d) Pela simples continuidade de utilização dos dólmenes mais tardios, como acontece no dólmen da Fonte Coberta (Alijó), sendo de supor que o seu encerramento poderá ter sido contemporâneo do da Mamoa do Castelo (bacia de Mirandela), nos meados do 3º mil. BC. Este dólmen de F. Coberta localiza-se na região sobranceira à bacia de Mirandela pelo que as tradições genealógicas destas populações que vivem tão próximas umas das outras, podem ter sido similares. e) Pela criação de povoados permanentes de curta duração e média duração, em áreas relativamente próximas dos dólmenes (território pedestre de 120 minutos) (Jorge, 1986, p. 646), tal como acontece com o povoado de Castelo de Aguiar relativamente aos dólmenes do planalto do Alvão e com o povoado de Castelo dos Mouros (Murça), relativamente à necrópole de Arçã-Madorras (no Pópulo) (Nunes, 2003).

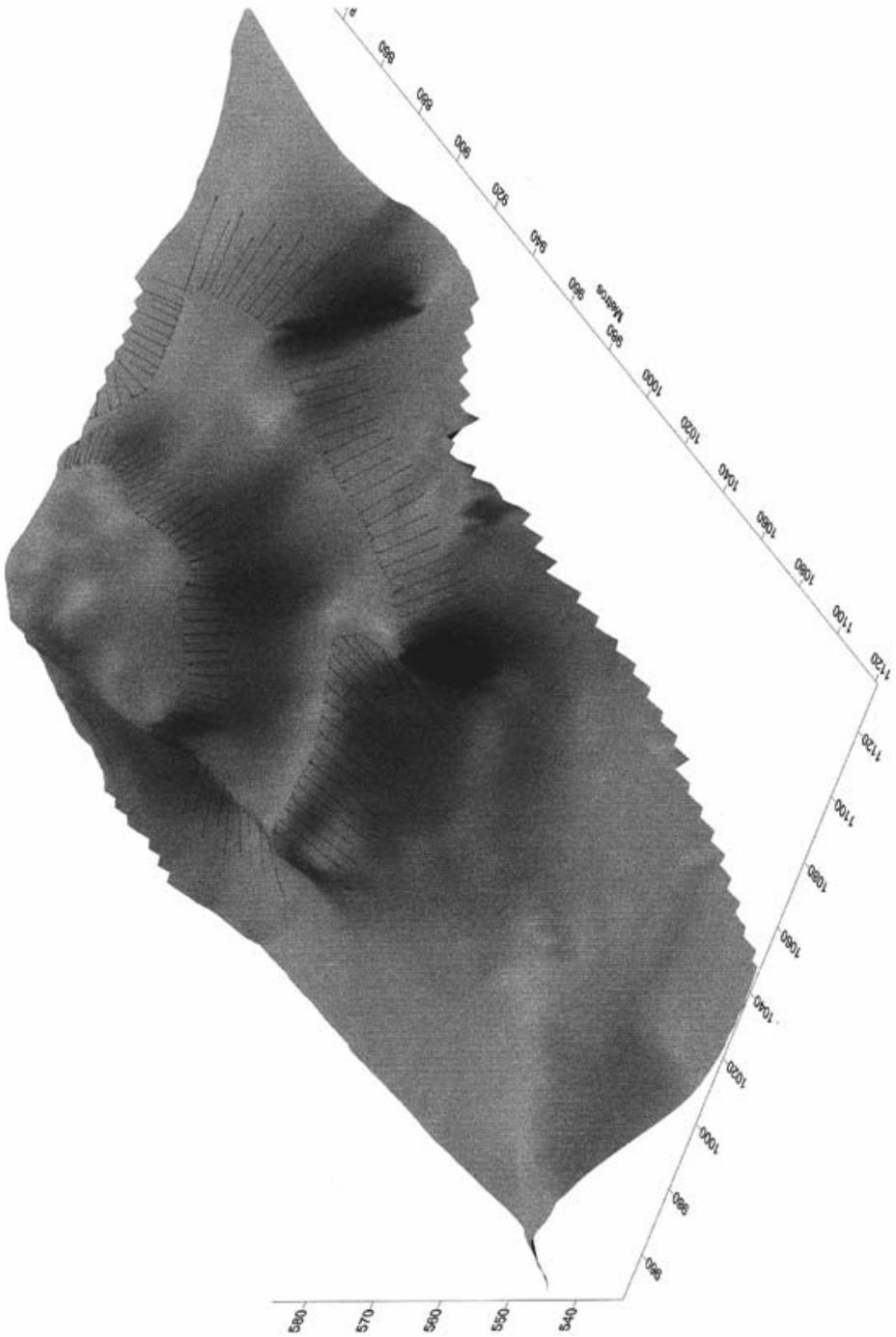
### 3.2. Trás-os-Montes oriental

Em TM oriental durante a 1ª met. do 3º mil. BC criam-se povoados de mais longa duração e a paisagem social e cosmogónica passa a estar predominantemente polarizada por construções não funerárias de médio ou elevado impacto arquitectónico e por abrigos com pintura rupestre (Sanches, 2002).

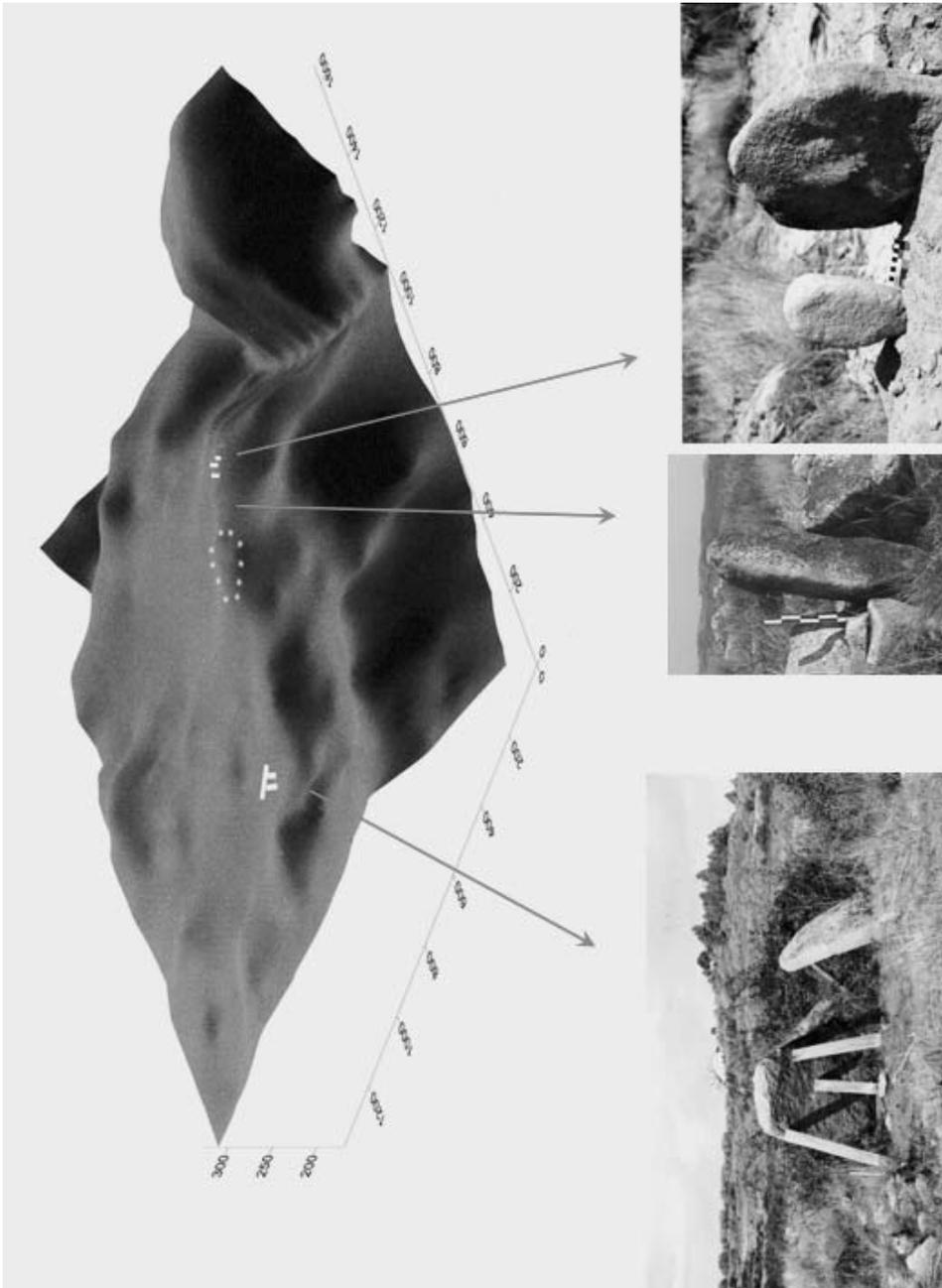
Destaca-se o Crasto de Palheiros, cuja construção e uso decorreu entre aprox. 2800 e 2200/2000 AC (Sanches, 2005). No final do IIIº mil. AC apresenta-se como uma mega- construção em terra e pedra, que se desenvolve tanto em extensão – 2,5 ha–, como em altura – 40 m–, situado numa arriba quartzítica (590 m) que emerge na parte sul da bacia de Mirandela, com claro domínio visual sobre todo o território circundante. Consiste numa imponente crista rochosa cortada na vertical do lado Sul e cuja topografia estabelece de imediato uma hierarquia interna de espaços- um mais sobreelevado e um mais baixo–, que parece ter induzido um modelo formal de monumentalização (Fig.9 e 10). Esta monumentalização consistiu na construção, *continuada no tempo*, dum imponente talude pétreo que rodeia e regulariza de modo uniforme a plataforma superior – dando origem a um *recinto interior*–, seguida de um outro, mais possante e mais comprido, que delimita a plataforma inferior (criando deste modo o *recinto exterior*). A parte terminal, periférica, do talude *exterior integra uma alargada área com monólitos fíncados na vertical*, comparável, em termos de arquitectura do espaço, ao conjunto de estelas e monólitos Cemitério dos Mouros II que referiremos mais adiante (Sanches, 2003b) (Fig.11).

Esta grande construção cujas funções parecem ter sido múltiplas<sup>14</sup>, mas sempre no contexto da reorganização social/identitária e política das comunidades do 3º milénio, introduz uma marcante ruptura na paisagem, ruptura essa nunca conseguida até então com os monumentos megalíticos, mesmo com os de maiores

<sup>14</sup> Tal como a de outros recintos monumentais peninsulares, discutidos em: Jorge, 2003.



**Fig.10** - Crasto de Palheiros visto de Nordeste: modelo 3D elaborado com base no levantamento topográfico. Note-se o recinto/plataforma superior e recinto/plataforma inferior, ambos rodeados/formados por gigantescos taludes (indicados por traços rectos).



**Fig. 11-** Representação em 3D da área da Arcã-Cemitério dos Mouros (bacia de Mirandela) com a implantação da anta da Arcã e do povoado CM II juntamente com a plataforma com estelas. Juntam-se as imagens da anta (em 2002), bem como de 3 das "estelas" identificadas em 2002 e 2003. Na anta destaca-se a enorme laje de cabeceira (escorada por barrotes), cuja superfície interna, coberta de gravuras, é de cor avermelhada. (A imagem 3D resulta da aplicação do software Surfer 8 sobre a CMP, 1:25000, f. 104, 2ª ed. 1995).

dimensões. Na realidade, é imediatamente visível o esforço colocado nestas enormes e possantes construções, os taludes–, que se desenham em plano inclinado ou rampa pétrea<sup>15</sup> – (Fig. 9 e 10), e que ocupam afinal mais espaço útil do que aquele que circunscvem em ambos os recintos. A ruptura não se desenha somente ao nível da escala das construções, jogando antes com o factor "tempo de construção/tempo de utilização" que é mais limitado no caso dos dólmenes, mas que dura quase 1 milénio no Crasto de Palheiros.

Assumimos este enorme monumento pétreo como um "pivot" na reestruturação regional do povoamento, isto é, seria esta mega-construção que teria dado origem a novas concepções territoriais e identitárias na parte sudoeste da bacia de Mirandela (Sanches, 2003b). Aí teria impulsionado um novo sistema de povoamento de que fariam parte povoados de mais longa duração (dominantemente afastados dos dólmenes pré-existentes), bem como de outros locais de encontro e consumo comunitário, sendo alguns destes verdadeiros centros cerimoniais, como o vizinho abrigo do Buraco da Pala, cuja crista quartzítica é intervisível com o Crasto (Sanches, 2002). Trata-se então dum monumento que na realidade corresponde a uma ruptura conceptual de fundo, talvez difícil de aceitar sem discussão por parte das comunidades calcolíticas regionais.  *Talvez fosse esse o motivo pelo qual muitos dos aspectos construtivos e formais utilizados nos monumentos megalíticos regionais, parecem ter sido usados no Crasto como que para "mascarar" a mudança, conferindo-lhe uma aparência de continuidade.*

Nessa relação de mudança-continuidade, destacamos os seguintes aspectos.

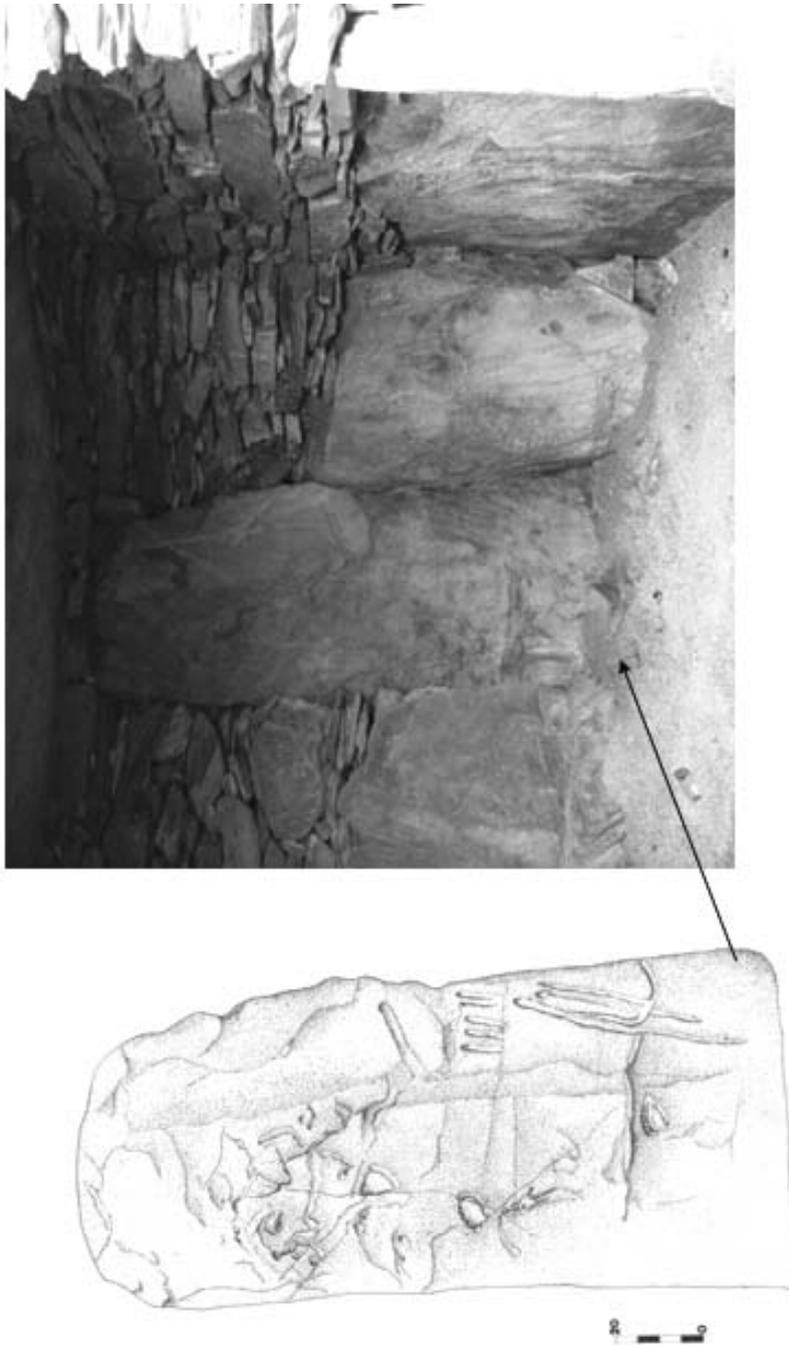
A monumentalização da crista quartzítica pode ser interpretada como a transformação dum "lugar" único, agressivamente imponente e dominante na paisagem natural,  *por certo já carregada de significados em época anterior* pois parece ter sido usada para a exploração de quartzo de filão (a matéria-prima mais usada regionalmente nos instrumentos líticos). Ora, a "monumentalização" de pedreiras de exploração de quartzo de filão para o fabrico de instrumentos era algo que já ocorrera regionalmente no momento da construção da Mamoa d'Alagoa, na primeira metade do 4º milénio<sup>16</sup>. Por outro, a construção dos taludes é técnica e formalmente muito parecida à da construção das mamoas regionais.

Cumulativamente, tanto a construção da Mamoa d' Alagoa como a da Mamoa do Castelo (no 4º mil.) envolveram a utilização de fogo em larga escala (Fig. 11), donde deduzimos que  *a utilização do fogo no decurso da construção das mamoas deve corresponder a uma tradição profundamente alicerçada nas comunidades regionais.* O fogo foi também utilizado extensivamente no encerramento ou "condenação" dos acessos destes dois dólmenes. Ora, na construção e

---

<sup>15</sup> Cujas dimensões variam entre 20/21 m de comprimento por 6/7 m de altura no talude exterior, e de 7/8 m de comprimento por 8/10 m de altura, no talude interior.

<sup>16</sup> Mamoa construída no centro duma exploração de quartzo e cuja couraça era constituída quase exclusivamente por "dejectos" ou "restos" dessa exploração: núcleos com extracções, lascas e percutores.



**Fig. 12** - Interior do dólmen do Castelo 1 (Murça) após restauro, vendo-se 3 esteios incompletos e um completo (todos com gravuras esquemáticas) (Foto A. Rolo). Este último esteio, situado do lado direito da laje de cabeceira, é de cor laranja, e foi "esculpido" em estela antropomórfica consoante se vê no desenho.

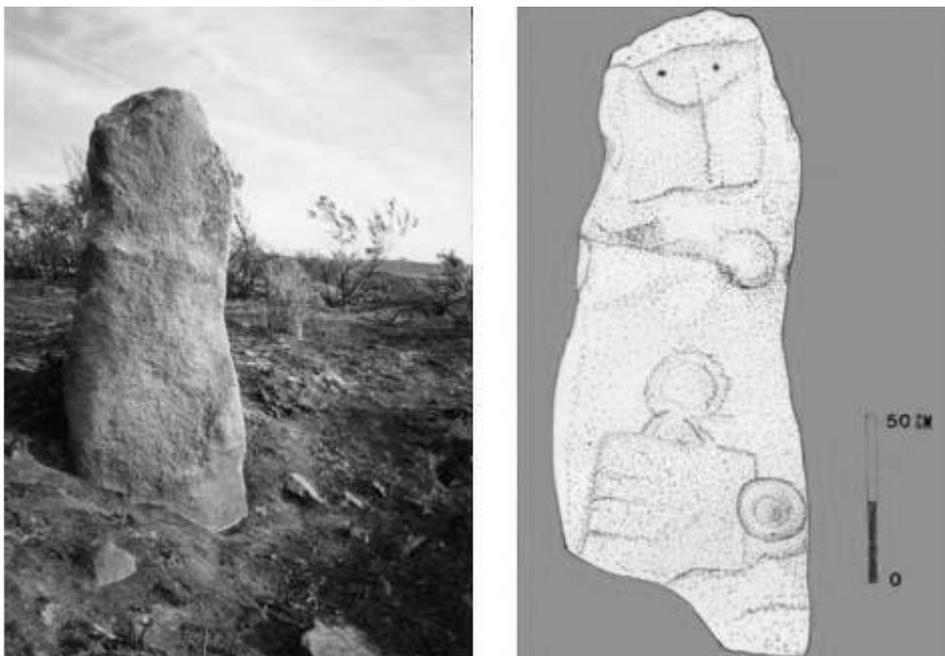
"construção/uso" <sup>17</sup> de alguns dos taludes do Crasto de Palheiros, e particularmente na do talude exterior norte (TEN), é utilizado o fogo de modo similar. O leque das espécies queimadas nas mamoa e no Crasto é também comparável. Por outro lado, o "encerramento" do espaço interior dos recintos no Crasto fez-se através da colocação estruturada de pedras e de argila, tendo sido usado ainda o fogo nalgumas áreas, dum modo muito similar àquele registado no encerramento ritual dos monumentos megalíticos de Alagoa e Castelo. Tanto no Crasto de Palheiros como nesses monumentos se verifica ainda a inserção intencional de artefactos – recipientes completos ou pouco fragmentados, lascas, núcleos, moínhos, percutores, machados, contas de colar–, ou de outros "objectos" do mundo natural – blocos de quartzo com ou sem cristais, cristais de quartzo, seixos rolados –, quer nas estruturas de "construção", quer nas de encerramento.

Ora estes comportamentos técnicos e rituais acontecem no Crasto de Palheiros quando a Mamoa 1 do Castelo (e possivelmente o dólmen de Fonte Coberta) ainda se encontravam em funcionamento ( 1ª met. do IIIº mil. AC). Quer dizer, tanto a construção como o encerramento ritual, ou condenação, de algumas estruturas do Crasto parecem ter acontecido em simultâneo com o encerramento de alguns dólmenes mais tardios. Isto faz supor que a reestruturação regional do poder intercomunitário embora se tenha feito dum modo relativamente rápido, realizando-se social e politicamente de modo a respeitar as tradições e identidades regionais. Por outro lado, o Crasto de Palheiros, ao polarizar uma alargada paisagem habitada em seu redor, talvez tenha tido já como modelo os monumentos megalíticos que na região surgiam isolados no topo dos montes e de onde dominavam também alargadas paisagens habitadas. Mas distinguem-se, evidentemente pela amplitude e complexidade das construções.

Devemos enfatizar aqui o facto de que a construção e manutenção dum monumento megalítico tem exigências muito diferentes daquelas da construção e manutenção do Crasto de Palheiros. Neste último monumento o esforço de construção e de manutenção atinge uma escala tão ampla e continuada no tempo, que exigiria precisamente a cooperação de todas as comunidades regionais. Exigiria , mais do que um "armazenamento de bens consumíveis", um "armazenamento de relações sociais" ( Gamble, 2002 5ª) que , neste caso, se mantiveram no tempo longo. Aqui reside, para nós, a principal diferença entre a paisagem social do 4º e do 3º milénio em TM oriental. O monumento megalítico poderia ser construído de uma só vez, por uma comunidade mais restrita ou mais alargada; *o Crasto de Palheiros é uma obra em construção contínua*, que demorou por certo muito tempo a ser construída e reformulada, onde se exigiria a cooperação de todas as comunidades regionais da parte sul da bacia de Mirandela.

---

<sup>17</sup> O termo "construção/uso" pretende indicar um conceito novo que dá conta da especificidade deste sítio. Na realidade, tanto algumas partes do talude interior, como o talude exterior encerram aquilo que consideramos serem os vestígios intencionalmente selados das acções de variada índole ( e não somente "construtivas") que teriam tido lugar no processo de desenvolvimento arquitectónico do monumento Crasto. Parte da estação está como que intencionalmente "encerrada" no interior dos taludes.



**Fig. 13** - Esteio antropomorfizado da câmara megalítica da Mamoa 4 de Alto das Madorras-Arcã (Pópulo) ( Foto e desenho MJS)

Esta "continuidade", mas também ruptura, nas tradições e genealogias regionais parece traduzir-se noutras construções, eventualmente com valor social mais restrito, ou seja, hierarquicamente menos substantivas que o Crasto de Palheiros, mas que poderiam elas próprias materializar a marca distintiva, identitária, de algumas comunidades regionais.

Temos como exemplo a complexa paisagem criada pela anta da Arcã e pelo povoado de Cemitério dos Mouros II (bacia de Mirandela) (Fig. 11). O dólmen tem o seu acesso virado para Sudeste, precisamente para o povoado que se situa a 400 metros daquele. Este é o único caso na bacia de Mirandela onde se verifica uma relação de proximidade espacial entre um povoado permanente do 3º milénio BC e um dólmen. É de admitir que embora o dólmen possa ter sido construído antes, nos meados-finais do 4º milénio, o povoado terá sido fundado ainda durante o funcionamento do dólmen. Cumulativamente, este povoado continha um recinto em pedra tosca e rochas naturais, que rodeava o topo da colina, mas a área habitada estendia-se pelas encostas onde, do lado leste, rematava num pequeno esporão sobranceiro ao rio Tua. Neste esporão existia uma área com várias estelas antropomórficas ou monólitos afeiçoados, fincados na vertical (Fig. 11) cujo "plano" arquitectónico desconhecemos, mas que integra ainda muito material arqueológico e particularmente moinhos<sup>18</sup>.

<sup>18</sup> Os moinhos, de todas as dimensões, inclusivamente realizados sobre penedos fixos, são uma das marcas mais interessantes deste povoado.

Toda esta área integra assim um conjunto complexo de estruturas arquitectónicas que se foram criando e transformando ao longo dos finais do 4º e do 3º mil. BC, dando origem a uma paisagem construída muito peculiar, que reestrutura também as concepções ligadas aos antepassados em função das exigências do presente.

Refira-se ainda que a tradição de antropomorfização de monólitos, ou a criação de verdadeiras estelas antropomórficas, é característica dos dólmenes peninsulares e da Europa atlântica ( com destaque para a Bretanha), onde ocorrem sob a forma de esteios (na estrutura construtiva), ou como "estelas" fincados no interior ou nas imediações do espaço dos dólmenes (particularmente na zona das entradas) (Bueno Ramirez e Balbin Behrmann, 2002). Na região que estudamos aqui temos também dois exemplos claros de antropomorfização de esteios: na Mamoa 4 do Alto das Madorras-Pópulo, e no esteio 4 da Mamoa 1 do Castelo. Deste modo, no IIIº milénio, as estelas e os monólitos antropomorfizados de Cemitério dos Mouros II ancoram-se numa longa tradição regional de transformação da pedra em "entidades" no interior e exterior do espaço sagrado do pequeno centro cerimonial que é o dólmen. Todavia, no IIIº mil, e ao contrário do IVº mil. AC, passam a construir um outro "cenário" exterior, espacialmente mais alargado que já não obedece ao plano de certo modo muito formalizado, dos dólmenes. Talvez esta nova paisagem construída (Arcã-Cemitério II), seja também um pequeno centro identitário; embora com menos impacto arquitectónico do que o Crasto de Palheiros, poderia ser mais um exemplo da convivência, numa mesma região, de "lugares" ou pequenos "centros", ainda que hierarquizados consoante a sua abrangência social e cerimonial.

#### *Agradecimentos*

Agradece-se a Rafael Morais o seu apoio na criação das imagens deste texto, particularmente nas imagens tridimensionais.

#### **Bibliografia**

AGROCONSULTORES e COBA (ed.) (1991)- *Carta dos Solos. Carta do Uso Actual da Terra e Carta de Aptidão da Terra no Nordeste de Portugal*. Vila Real. UTAD.

BUENO RAMIREZ, P. e BALBÍN BEHRMANN (2002)- Megalithic art peninsular and megalithic art from the Atlantic coast : a capillarity model applied to european post-paleolithic art. In *L'Anthropologie*.6. Elsevier.pp. 603-646.

BRADLEY, R. (2002)- *The Past in Prehistoric Societies*. London e New York. Routledge.

CARVALHO, P.S. e GOMES, F.C.(2000)- O dólmen da Fonte Coberta ( Alijó, Vila Real). In *Estudos Pré-históricos*. 8. Viseu.CEPBA. pp. 19-47.

CRUZ, D.J. (1992) - *A Mamoa de Chã de Carvalhal no contexto arqueológico da Serra da Aboboreira*. Coimbra. Instituto de Arqueologia.

CRUZ, D.J. (1995) - Cronologia dos monumentos com tumulus do Noroeste peninsular e da Beira Alta. In *Estudos Pré-históricos*. 8. Viseu.CEPBA. pp. 19-47. In *Estudos Pré-históricos*. 8. Viseu.CEPBA. pp. 81-119.

CRUZ, D.J. (2001) - *O Alto Paiva: megalitismo, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-história recente*. Coimbra. Dissertação de Doutoramento apresentada à Fac Letras da Univ. de Coimbra ( policopiada).

FABREGAS VALCARCE, R. (2000)- Prehistoria recente en Galicia. Evolución ou ruptura? In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular , vol. 4 "Pré-história Recente da Península Ibérica"*, Porto. ADECAP, pp.64-93

FIGUEIRAL, I. e SANCHES, M. J. (1998-99)- A contribuição da antracologia no estudo dos recursos florestais de Trás-os-Montes e Alto Douro durante a Pré-história recente. In *Portugália*.19-20. Porto. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.pp.71-101.

FIGUEIRAL, I., SANCHES, M.J. (2003) Eastern Trás-os-Montes (NE Portugal) from the late Prehistory to the Iron age: the land and the people. In *The Mediterranean World, Environment and History*, Fouache E. (ed) Elsevier, Paris, pp. 315-329.

GAMBLE, C. (2002 5ª)- Human evolution: the last one million years, *Companion Encyclopedia of Anthropology*, Tim Ingold ed., Routledge, pp. 79-107.

GONÇALVES, A. H. B. e CRUZ, D. J.(1994)- Resultados dos trabalhos de escavação da mamoa 1 de Madorras (S. Lourenço de Ribapinhão, Sabrosa, Portugal). In *Estudos Pré-históricos*.2.Viseu.CEPBA. pp. 171-232.

JORGE, S.O.(1986)- *Povoados da Pré-história recente da região de Chaves-Vª Pª de Aguiar*. Porto. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras.

JORGE, S. O. (2003)- Revisiting some earlier papers on the late prehistoric walled enclosures of the Iberian Peninsula, In *Journal of Iberian Archaeology*, 5.Porto. ADECAP. pp.89-135

JORGE, V.O.(1991)- Arqueologia social dos monumentos megalíticos atlânticos: conhecimentos e perspectivas actuais. In JORGE, S. e JORGE, V. *Incursões na Pré-história*. Porto. Fundação Eng. António de Almeida. pp.57-151

NUNES, S.A.(2003)- *Monumentos sob tumulus e meio físico no território entre Corgo e Tua ( Trás-os-Montes): aproximação à questão*. Porto. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiada).

SANCHES, M.J.(1997)- *Pré-história Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro* .I e II. Textos.1.Porto.Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia

SANCHES, M. J. (2000)- As gerações, a memória e a territorialização em Trás-os-Montes (Vª-IIª mil. AC). Uma primeira aproximação ao problema. In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular , vol. 4 "Pré-história Recente da Península Ibérica"*, Porto. ADECAP, pp.123-145

SANCHES, M. J. (2002)- Spaces for social representation, choreographic spaces and paths in the Serra de Passos and surrounding lowlands (Trás-os-Montes, northern Portugal) in late prehistory. In *ARKEOS*. Tomar. Instituto Politécnico. pp. 65-105.

SANCHES, M. J. (2003a)- Sobre a ocupação do Neolítico inicial no Norte de Portugal. In *Muita Gente, Poucas Antas. Origens, espaços e contextos do megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa. IPA, pp.155-179.

SANCHES, M.J. (2003b)- Crasto de Palheiros-Murça. Reflexão sobre as condições de estudo e de interpretação duma mega-arquitectura pré-histórica no Norte de Portugal. In *Recintos Murados da Pré-história Recente*. JORGE, S. coord.. Porto/Coimbra, DCTP-FLUP/CEAUCP, pp.115-1 8.

SANCHES, M.J. (2005), Cronologia absoluta e relativa da construção, uso e condenação do Crasto de Palheiros: uma exposição sintética, *Actas do 4º Congresso Nacional de Arqueologia*, Faro-Setembro de 2004 (no prelo).

SANCHES, M. J. e Nunes, S. A. (2004), Resultados da escavação da Mamoa d'Alagoa (Toubres-Jou)-, Murça (Trás-os-Montes), *Portugália*, n.s., 25, Porto, DCTP-FLUP ( no prelo).

SANCHES, M.J., NUNES, S.A. e PINTO, D. P. (2005), Trás-os-Montes ( Norte de Portugal)- As gentes e os ecossistemas, do Neolítico à Idade do Ferro, *Actas do 4º Congresso Nacional de Arqueologia*, Faro-Setembro de 2004 ( no prelo).

SANCHES, M. J. e Nunes, S. A. (2005), Resultados da escavação da Mamoa do Castelo 1 (Castelo-Jou)-, Murça (Trás-os-Montes), *Portugália*, n.s., 26, Porto, DCTP-FLUP ( no prelo).

SCARRE, C. (2002)- Introduction:situating monuments. The dialogue between built form and landform in Atlantic Europe. In *Monuments and Landscape in Atlantic Europe*. Chris Scarre ed.. London e New York. Routledge.pp.1-16.

TILLEY, C. ( 1994)- *A Phenomenology of Landscape. Places, Paths and Monuments*. Oxford/Providence. Berg.

VERNET, J.-L. e FIGUEIRAL, I. (1993)- The highlands of Aboboreira (North-west Portugal): ecological conditions from Middle/Late Neolithic to Early Bronze Age. Evidence from charcoal analysis. In *Oxford Journal of Archaeology*. 12-1, Março. pp.19-28.

WHITTLE, A.(2002)- Conclusion: long conversations, concerning time, descent and place in the world. In *Monuments and Landscape in Atlantic Europe*. Chris Scarre ed.. London e New York. Routledge.pp.192-204.